

***PARA O POBRE
SEMPRE É NOITE***

**Adriám Mosqueira Paços
“Senlheiro”**

Para o pobre sempre é noite

1ª edição: Dezembro 2020

Tiragem: 250 exemplares

Autor: Adriám Mosquera Paços “Senlheiro”

Depósito Legal: C 1673-2020

Portada: composição de Adriám Mosqueira Paços e Sonia Esturao

Instagram: @STRedicions

Adriám Mosqueira Paços “Senlleiro” (1985, Bugalhido, Ames) escribiu estes poemas dentro de diversas prisiones entre 2015-2016, principalmente no centro penitenciario de Mansilla de las Mulas (León), mentres cumpría unha condena de 7 anos por cuestións políticas.

Para o pobre sempre é noite

PARA O POBRE SEMPRE É NOITE

“-Vas ter problemas!

**-Nestes momentos da vida, já nom me assustam os problemas,
entretenhem-me. (...)**

-Que passa nom tes medo?

-Viajei muito.”

Do filme: “A cor das nuvens”

A Marinha Lopez Varela e a Josefina Pazos Pensado

De kunda por várias prisons do Estado espanhol, 2015

Todo o envolve umha nuvem de chumbo
Paxaros a piar umha procura
Nom havemos ser mais que jarros esnaquizados?
Recupera-te, corre, afronta.
Nom há mais que silêncio.
Até que jogemos felices na fogueira.
O Sam Joám dos nossos sonhos quebrados (ou nom)
Pouco se pode fazer
se a vida remata ao final da espiral.

De kunda por várias prisons do Estado espanhol, 2015

Diz-me: sabes que quigera o tacto
Sonho e sonho e por dentro continuo a sonhar
Perros guardianes, del orden y la ley.
Assassinos a soldo, abuso de poder.
Voltar e girar e girar e fazer-nos fortes.

25 de Dezembro de 2015, prisom de León

Há dias que boto abaixo as torres
Há dias que se cravam como coitelos
Mas nom há sangue nesta folha em branco
E outros asubiam velhas cançons dos Rolling Stones
As palavras encadeiadas
A piques de ser pronunciadas
Cae a geada sobre o teu corpo
Cada cicatriz tem forma de interrogante
Os paxaros sem nome
Comem do pam que lhes tiram
Os presos sem nome.

Há dias de chumbo, fame e sede de terra.

1 Dezembro de 2015, prisom de León

Nom paro de falar co horizonte
as montanhas nevadas saudam o outono
cala-frios como aqueles que tinhamos
recém submergidos na água
sarna com ghusto nom pica
o rio curava-o todo

quando soltas um aturujo no deserto
quando chuspes no cham
despreçando até o ultimo bloco de formigom

Homes percorrem o labirinto do silêncio
e nom há saída
nunca perdas a memória
ainda que seja escrita em papeis enrugados
nunca perdas o sentido
saber que “a liberdade está dentro
que de dentro de ti nom marcha”
que dentro está a carvalheira
o raposo
o trisquel
e também a Brétema
que navega empurrada polo vento
cos nossos coraçõs.

22 de Dezembro 2015, prisom de León

À espera do acontecimento
pinturas e mais pinturas
vam desfilando polas paredes
como um exército de formigas que abrem caminho
veas inesgotáveis polas que circulam
também os cables da electricidade

Imagino-te atravesando campo através
cumha saca de desejos nas mans
Imagino-te percorrendo a cidade polos telhados
“cara onde neste deserto sem saída?”
e no fundo
quietude
o colchom é umha barca que sae todas as madrugadas
a pescar estrelas
e debuxo luas crescentes debuxo o teu sorriso.

25 de Dezembro 2015, prisom de León

E o resto?
Onde esta o que fica entre razom e loucura?
Prantamos sementes das laranjas que nos dam no comedor do
talego
É a terra erma do campo de futebol-deserto
Polo que vagamos um par de horas
As fins de semana
Quantos oasis que debuxamos
Quantos tragos de vinho imaginário saboreamos entre
A area e os muros
Cada semana procuramos o ponto onde deveram medrar
As nossas árvores mágicas
E cada semana olhamos o céu
Crendo-nos deuses ou dianhos.

4 de Janeiro de 2016, prisom de León

Esta cidade rouva-me as palavras
Os corvos deixárom sacas de roupa corroídas
Esta cidade rouva-me a fome
Emerge dum encoro de pesadelos
Como a rua Capital 6, e a Ruinha B
Que haverá ao outro lado dessas portas?
Tal vez os refugalhos dumha noite que ecoa rechios
Dum porco em plena matança

Também sonho esperto nesta cidade estranha
E vejo arcos de velha a beber
Da sede do nosso horizonte

E quando fecho os olhos abro outra porta
Que descobre o mencer no Buraco do Inferno.

8 de Janeiro de 2016, prisom de León

Flue

o respirar

Ponho a minha armadura

nom entram os pesadelos

Escrevo cos olhos fechados subindo

polas escaleiras do ranhaceus

gosto de ver a vida desde as alturas

falar coas águias

e aprender com elas

elas contam contos mui antigos

de muralhas derruidas

deixam-se cair e planeando procuram alimento

A gravidade depende duns olhos ás veces

Sempre tivero medo a voar

mas elas ensinam-me

cousas da supervivência

10 de Março de 2016, prisom de León

SORRIS, e fas-me livre

14 de Março de 2016, prisom de León

No transcurso do tempo
esnaquicei as agulhas dos relógios
o tempo sabia a pedra
a terra baixo os pés tinha proibido germinar nada

Mas a vida passa ou pasamos
por enriba dela
como gigantes vencidos.

Onde ficou a memória do Balbino
“para o pobre sempre é noite”
a luz é ténue e a música
a música solapa de mel
o coração oxidado dos homes.

E esse furacam que remove as existências
remove até os iris dos olhos.

18 de Maio de 2016, Prisom de León

Deixei a nuvem no mais alto
Procurando-te
E entre o ruído das pegadas
Os tossidos, as cisternas,
O fume que solapa o barulho
Puidem escoitar a tua voz.
Escoitar-che é como respirar.
Umha lagoa de calma chea
O vento que arrasta areia aos olhos
Nom quero mais carantiguas
Nom quero mais carantonhas do destino
Ver-te a ti é vivir
E volto à nuvem
Acarinho as algas como se fossem a tua pele
Porque baixo do mar eu procuro o teu nome
“sentado en una nube de cristal”

Tocar-te é como abrir as portas da Primavera.

20 de Maio de 2016, prisom de León

Do teu umbigo sae o Sol
E pinto nuvens e montanhas que che fam cócegas
Por esses vales correteam as formigas
Carregadas de sucre
E umha rapaça baila descalça
Procurando flores lilás
E trevos de quatro folhas

Polos rios do teu corpo
Deixo-me levar
A tua pele pinta peixes voadores
E eu som essa garça que axexa
E se confunde co teu céu

Porque destas cores
Saem contos infinitos
A rapaça voa
Os peixes mordisqueiam
E a formiga cozinha doces
De trevos
Saborosos como os teus beijos

21 de Maio de 2016, prisom de León

Nom queria ir a nengures.
Sentar-me nesta rocha
Coas fantasmas às minhas costas
As antenas e as videocâmaras

Pintaches-me a Brétema no braço
E eu a ti umha lagartixa na meixela

“Nom me contes películas
E vem ao cine”

1 de Junho de 2016, Prisom de León

Sangue silêncio assobio sem fim
(o rinoceronte do mural cobra vida e arrasa com todo)

Carantigua tem tatutado no braço um punho rompendo as
cadeias
“Libertá”, como o nome do paxaro que adotou
O Sol varre as miradas perdidas
E outros tenhem marcas de cortar-se
Reconto: fileiras de cinco às 19:00
Umha gargalhada que sabe a metadona
Miradas afiadas que desafiam o destino
As sabas a secar na portaria
Beijos que traspasam as linhas telefónicas
Cicatrizes que se abrem e se fecham como as portas automáti-
cas.

(...)Vamos, agora. Ante todo, devemos construir umha fábrica de espelhos, e durante o próximo ano, só fabricaremos espelhos e nos miraremos prolongadamente neles”

Ray Bradbury: Fahrenheit 451

10 de Julho de 2016, prisom de León

Masticamos toxos
como os cavalos da Curota
selvagens
correndo cara o abismo

(coa paciência precisa das aranhas
fios de tinta verde entretecem-se até o céu)
Lembras?

Albisavamos o futuro
dentro dos grandes e profundos
olhos
das vacas

27 de Julho de 2016, prisom de León

Arrecendes a curry
Devolves-me a fame
A ilusom por ponhe-lo todo patas para arriba.

Tanto tempo agardando-te
E aprendendo a querer-te
Fazendo piruetas no cham (...)

Esquecim os acantilados tal como os conhecim
Já quase nom tenho medo a nada
Escoito as ondas alá no fondo
Vivas, subindo como enredadeiras.

2 de Agosto de 2016, Prisão de León

Há um paxarinho solto no pátio
um preso cuida-o e dá-lhe de comer
eu pergunto-lhe, e tem nome? como se chama?
“Libertá”, di-me.
Mas tem as asas cortadas.....

5 de Agosto de 2016, Prisión de León

Saiu do carcere
depois de 18 anos preso
Passou um coche e rematou coa sua vida.
Ainda levava a liberdade nos seus petos

7 de Agosto de 2016, Prisom de León

Passear por enriba da prisom
Nom que a prisom passe sobre ti
Eis o grande reto
Destes dias polos que caminho

Obscurece
E as teimas
As contradicións
Subir/baixar/escoitar ou nom escoitar/obedecer a uns grises e a
outros marrons ou nom porque isolado estou/ também de mim
mesmo
Se quadra procurar a autonomia
Porque viagei a Manila
E vim e ouvim o que nom tinha que ouvir/ou si/
Porque a liberdade está no jodido coco
E às vezes nom sae porque as ganhas de berrar
Nom hai onde berrar
Berrar-lhe a quem?
Se com umha mirada fria e cortante todo se mide
Viaxei a México D.C.
E também a Roma
Caim num poço
Erguim-me e quigem subir de mais
Confiei-me
Voltei cair
Mas já sabia como fora a anterior caída
Sempre o abismo axexando-te como um Monstro
Retá-lo (com tino)

10 de Agosto de 2016, Príson de León

Quero ter a calor
A cordura e o sorriso
Para que leves contigo sempre
Nada é perfecto, irmám.
Nada o é.
Toca coidar-se
E estar fortes.

13 de Agosto de 2016, Prísom de León

Noites e madrugadas destinadas a percorrer um labirinto imenso como as tuas olheiras depois dum intenso dia de portas que se abrem e se fecham. Mulher: admiro a tua força, nom sabes quanto. Admiro a tua paciência de raíz de carvalho, a tua mirada que reflexa as Fragas do Eume e as ghatas selvagens que percorrem caminhos escuros; admiro a tua esperança, admiro a tua alegria, admiro o teu orni, as tuas brincadeiras, os teus bailes, admiro também umha bágoa tua de ledícia ou de tristura, o teu corpo fermoso que se submerge na água e bucea até o tesouro dos nossos sonhos.

15 de Agosto de 2016, Prísmo de León

Pola cova dessas cordilheiras confesso-me convulso
Falta-me coração para nom cair polo corredor correção?
Como umha contemplaçom constante asoma o contagio
Estou coxo sem ti, estou couraçado à vez
No couto dos nossos pensamentos
No crepúsculo crescente das nossas olhadas
Avanço avariado ávido embriagado de Vento
Aeronauta do teu Universo azougado.

Engaiolado onde falta liberdade mental
Entupido na engranagem envolvente, erguer-se
Fazer equilíbrios, escamotear na ferida
Procurar a firmeça e a frescura
Onde é que se topa?
Só podes topá-la dentro de ti
Só dentro de ti
Aquí
Dentro.

20 de Agosto de 2016, Prismo de León

Esta noite a lua nom está.
Mas está o meu sossego
Que voa como um Ferreiro bacacachis 400 km
Nom som nada porque a força do nosso amor
Nom pode ser inútil
Ele diz: nós já traspassamos todos os límites
Eu nom sei se é assi
Mas sei que aquí, agora,
O meu coração marinheiro está a cantar
“como te quero nena,
quanto te quero eu”
E ti traes-me anacos de Terra (feiticeira...)
E eu levo-che abraços inesgotáveis

Dentro da circunferência
Está o nosso lar
Dentro das nossas maos quando se apertam.

28 de Agosto de 2016, Príson de León

Impregnadas de unicórnios
Lavadeiras
Corujas
Porcos bravos
Impregnadas da saliva que fica nos cristais
Convencidas
De que abrindo a vida por qualquer página
Toparemos a resposta
Imiscuidas no infortunio
Ou simplesmente bebendo de pequenos prazeres
Que nos dam: a luz do flexo, a areia, a esterilha
Poder tocar-nos, tocar-nos, tocar-nos
Falarmos, falarmos, falarmos

-“Melhor um bocado com Dios que com o dianho dous”

Como se pode medir a covardia/valentia?

“o reto é trazar umha linha”
E que nom borrem o teu mundo,
Continuar mais ou menos inteiro”

30 de Agosto de 2016, Prisom de León

No porto das Marionetas perdi-me
E baixando pola Escada das Verdades
Topei-me com um Cativo: -agharra-te às nuves-dixo-me
E procurei a Praça da Alegria para passá-la junto a ti
Porque umha praça pode ser infinita e fermosa
Mas a praça pode ser como o pátio dumha prisom
Que mantenha esse nome até a fim dos dias
O Caminho continua, Bela, o teu caminho é o melhor
Os Melros saudam-nos dese o Castelo da Feira
E, como sempre, apetece-nos botar abaixo as Torres
E por essa rua caminamos, já nom fugimos, colhidas
Da mao ninguém pode prender-nos
Pola rua Lugarinho
Pola rua das Paredes
Pola rua Monte Alegre
A nossa sombra pola Travesia das Formigas
Quando todas levavam à rua da Saudade
Isso foi tempo atrás
Agora, juntas,
Deixamo-nos levar entre sorrisos
Pola rua nova do rio abaixo
Cara onde están os muinhos aos que
Sempre te quigem levar.

1 de Setembro de 2016, Prisom de León

Quero as tuas maçás
Que som as mais saborosas de todas
Tenho as pupilas desgastadas
Aturdido polo augúrio do céu escuro
Fai tempo que nom vejo as estrelas
E nom sei por que

Quero as tuas maçás
Nom sabes ainda quanto te quero
Som como umha besta que bufa
Quando se abrem as comportas
Som como o silêncio quando trae o frio
Polo teu sorriso ouveio
Ouveio e escuita-se no pátio da prisom
Escuita-se no Val da Amaía
Polo teu sorriso
Ouveio e derrubam-se castelos.

5 de Setembro de 2016, Príson de León

Amanhece e já depressa se desvanece a chispa
Mas há algo que sempre fica aí
Ele diz-me: cabeça alta
Cabeça alta porque sabes de que lado
Nom estás.
Torturadores, isso é o que som.
O torturador senta-se na mesa do lado
E fala de “puticlubes”, o torturador é também amável e ofere-
ce-che café com leite, quer fazer-se
O teu amigo, que confies nele
Imaginas-te? Podes incluso chegar
A rir-lhe as graças
Chama-se síndrome de Estocolmo
Ou pode ter umha cara e um corpo bonito
E dizer-che: -Buenos días.
Quando é de noite.

6 de Setembro de 2016, prisom de León

Tendida no cham
Coa serpe saindo do caldeiro
Vertigem in this weekend
Avalanchas de sal

Sabes? Gostaria de cozinhar-che um guiso de verduras
Mas agora mesmo nom podo
Por isso te debuxo
Com pinturas e espécias e anacos de prantas
E plumas e areia e crema de
Afeitar e azeite e pasta de dentes
E listerine e crema solar e jabom talegueiro
Todo revoltado e betadine
Para as feridas
Que deixa a nossa distância.

1 de Outubro 2016 prisom de Teixeira, Corunha

Homes escuros e nuvens que sobem e baixam
Nom há mais lugar que o cortelho nestes mundos
Agromam mares e nuvens dispareas a cada lado
Todo se envolve numha nuvem de pó
Todo desfeito polo silêncio dum sonho naufragado
Pálpebras desquiciadas o silêncio das nuvens
A brecha da brétema opaca
Céus escuros silêncios torpes nécoras
Absurdo acantilado de berros escusados
Torturas brandas da nuvem rota
Barcas de silêncio barcas amargas
Anacos de paxaros que voam co incenso
Abraços cegos da vida escamada

O apertom de maos dá-se nos lugares da música
Mas aqui nom há névoa singela, se nom barreiras
Escuras, neves desaparecidas, árvores rotas
Pola chuvia do inferno
Buracos ocos como nuvens do desnível
Por onde emerge a nostálgia.

3 de Outubro de 2016, prisom de Teixeira, Corunha

Sombras abertas
Noites fugaces
O céu cheio de barro
A chuvia pedregosa
Céu azul, tempo enquistado
Noite da erva enmeigada
Longitude seseante do tempo final
Até quando seremos sombras dispersas

Céu aberto, o teu/meu céu, a chuvia
Derradeira, a luz do tempo oco
Noites sujas em diferido

“Non non é asi como somos nen ti nen eu nen todo é a peste da historia”

Silêncio gris, a tristeza da luz que cae
Barcas que baixam pola névoa
Luz opaca dos desafios naufragados
Raíz rota versos do silencio
Nom sabes apagar o céu?
Ajusto o berro de mentiras
Ajusto a brétema da chuvia
Outeiros áticos derrumbados
Somentes tenho luz opaca
Sei que todo se esvae coa vela apagada

Coidado se estás débil porque vam ir por ti
Salpicaches de estrelas que caem a
Tristeza que se derrumba
Cae o flexo e incéndia-se a brétema
De que servem as montanhas
De que serve a chuvia
De que serve o sol
Se nom há liberdade.

16 de Outubro de 2016, prisom de Teixeira, Corunha

Chega o inverno ou chama-se Outono?
Desfai-se a brétema nos olhos apagados
O silêncio dos malabaristas
Suando sucre
A prisom que derrumba a memória
Apagado polos olhos gastados
A luz que se esvae a luz desfeita
Ráfagas de silêncios murchos
Pequenas tebras fugindo das fantasmas
Sonho que se esvae no labirinto
E eu caio
Polas esferas da chuvia inacavada
Ferida opaca das chaves sujeitas
O lóstrego lonjano da serpe que
Discurre entre os teus pes
Apenas tenho equilíbrio
Os de verde ponhem o vapor alto
E empanha-se o pouco cristal da paisagem
Por que nom o quitam? por que nom abrides a porta do minúsculo corredor?

16 de Dezembro de 2016, prisom de León

Rasga o envoltorio para ver o mar
Nos olhos vidrosos

Do recorde

Nom está a saída
Às vezes quigera ser umha medusa
Transparente aquosa silandeira
E desintegrar-me polo sol e a ledícia

A escuridade
Pode ser também
O fundo do mar

Adivina-se o céu para quem viviu nele

1 de Dezembro de 2016, prisom de León

A lua despraça-se
E tem paragens
De distintos nomes no seu interior
Em todos os seus mares (Mar Serenitates,
Mar Tranquilitates)
E cordilheiras
Atopo o teu cheiro

Nos Montes Carpatos
Sinto-che mui perto

Abraças-me
E a lua sorri.

19 de Dezembro de 2016, prisom de León

A pé de vento
Podemos mirar-nos através das charcas
Acristaladas polo gelo

Celebraremos entre a lus das velas
O baile dos nossos corpos
Nalgum dos quartos infinitos

Contigo aprendo a contar gatos negros

E aprendo também a ciência dos cuidados

No dicionário que me mimoseaches
Cuidar é sinónimo de imaginar, fantasiar,
Achar, meditar, refletir, pensar...

Mas, sobretudo, aprendo a cuidamar-te.

20 de Dezembro, prisom de León.

Como estás? Estou derrotado polo silêncio dos olhos bretemosos, agora esperto das linhas e dos aquelarres que vivimos na escuridade

Estou apagado, aplacado polo céu roto

Estou disperso, disperso e quase sem saber

O que dizer ou pensar separa-nos o medo mais que o muro, separa-nos o cavorco da agua que esvara rego abaixo do céu abaixo das lentes

Para nom voltar cair neste poço

Mas o poço é o poço do sangue

Que ti e ele trougestes

O poço que traedes cara nengum

Lugar

A gente que se vai e esvae e trae arámios

De céu, Arámios que nom se vem

Qual é o ódio que atopas entre as

Cámaras?

Qual é a escada que percorres pouco a pouco subindo? Perros guardiáns

Estám a levar-che polo caminho de destruir-che pouco a pouco

Pouco a pouco

Pouco a pouco

Pouco a pouco destruído

Mas fica algo de amor...

Estou dentro do silêncio que se perde dentro de mim

Estou dentro dos surcos que se envolverem entre

Tristeza

Estou dentro da bágoa derrotada

Estou dentro da brétema pola que caio pouco

A pouco

Estou dentro da vida afastada polo surco

das patacas, o escaravelho de entre

os muros, e o escaravelho de entre

tristezas encobertas, entre chuvia e silêncio; entre chuvia e o

silêncio só existe

um desafio alongado
que é o tempo que se esvae
o tempo que se achica/achaca
os verbos do desafio derrotado polo
silêncio, até quando a derrota
do sigiloso roteiro e da brétema
desgastada que batalhas nem que óstias
fago se fago o que se desfai
no derroteiro da derrota no derroteiro do
isolamento do medo de estar e de
todo o que me aplaca
“oe, chama-te a TV”
Diz o o outro, e eu desafago a pouca
Mágoa da mágoa da mágoa da mágoa

20 de Dezembro de 2016, prisom de León.

Noite que se instala nos osos
Serpe que se envolve entre a pedra
Quase me dói mais fora que dentro
Na lagoa entumecida dos nossos pensamentos

Caer e caer e caer e desfazer-se nas
Bágoas da tristeza e da derrota da brétema
Desgastada dos últimos suspiros do céu
aberto que se instala entre os osos
Caio e logo esperto um pouco despeitado pola chuvia, a chuvia
dos recordos
Haveremos voltar a desfazer os olhos
Entre a brisa, as cócegas que nom
Temos, a última derrota das
Amígdalas desfeitas polo
Tempo que se envolve como
Brisa que se atopa rota e
Esnaquizada pola chuvia
Rota e desfeita pola tristeza
Rota e desfeita polas palabras
Esgotadas.

10 de Janeiro de 2017, prisom de León

Destroçárom cumha barra de ferro
Os cristais da garita dos funcionarios
Chegárom perto de dez gardas
Levárom um home

Mentres o levavam, um preso berrou
Entre a multitude: Nom lhe peguedes!
Os de gris encendérom-se e, berrando
Preguntárom quem tinha dito isso
Que o levavam a ele também
Todos calamos

Esse home estará, provavelmente
Agora mesmo atado a umha cama
Espido
Numha cela de isolamento
Depois de ter recebido umha malheira

A sua condena alongará-se uns anos mais

Esse home, simplesmente?
Estava desesperado.

Isso foi o que passou.

18 de janeiro de 2017, prisom de León

que hai nas paredes
debuxos que som reflexos
à sombra do castinheiro lonjano

as teas da aranha
o equilibrio que che sujeita
ou te salva ou chama-o como queiras

se ergo o punho é
porque algunha vez crim nalgo

o rap dizía algo así como
que a revolta sería filha da poesia
ou como escreveu Novoneyra
“um povo nasce sempre sempre sempre
um povo nom morre NUNCA”.

Se estás vivo
só tes que abrir os olhos

20 de Janeiro de 2017, Prisom de León

Quero bailar contigo
A dança das abelhas

(dentro da circunferência
Está a nossa colmea
Dentro dos nossos corpos
Quando se sintem)

E juntas resistiremos
Coas nossas ondas telepáticas
Às avispas ghalopinas
Velutínicas alienígenas
Avispas de la hostiapura

(ou os 43 nomes distintos
Que lhes ponhamos aos carcereiros).

30 de Janeiro, prisom de León

Território violentado (com as mulheres, sempre)

A raiva desatada
É umha loba que
Protege à sua
Manada

Toma a forma do
Simhasana
Para
Retar
O extermínio

Nos cárceres
Nas casas
Nos “centros de trabalho”
Nas ruas

É um oveio de sangue

É loba
Trevoada ainda
Viva
Mantendo-se
À
Espreita.

26 de Fevereiro de 2017, prisom de León

Umha amiga pergunta-me se tenho com quem chorar
Nom sei que responder-lhe
Os presos choram ou nom
choramos doutro jeito.

28 de Fevereiro de 2017, prisom de León

Detrás do céu
E dos límites das constelaçons
O fluir tépedo das águas verdosas
O açúcar que se desliza
Artimanhas dos Trípodes
Que nos vigiam.

Caminho, e agora, fago reviravoltas
Agatunho polas táboas e rabunho os
Quadros que pinto com acrílico e sangue

A única explicaçom
Disto que sofremos, minha mae,
É que som uns perros.

22 de Fevereiro de 2017, prisom de León

Depois de 2 anos vejo o mencer de novo
Logo de 2 anos fugindo de mim
Ou eu dele
Ou simplesmente atrapados entre os muros dos módulos

Numha foto, os Montes Aquilanos
Revivem a força da neve boa

Hoje mandei umha carta de pésame
Pola morte dum grande e bom vizinho
Levará o selo de “intervenida seguridad”
Mas leva também a luz
Da memória da sua sabedoria
A gentileza do lavrego
Mans rudas que sabiam acarinhar a terra
E fazer-lhe cócegas
Para que medrem vigorosas as sementes.

17 de Março de 2017, prisom de León

As nossas mans alongam-se
Como Hídia
Nos remoinhos das noites

O fume do Draco ao Norte
Os focos da cidade
Ou da prisom a silenciar
Os seus rugidos

Brétema bem poderia ser a Ursa Maior
Ondas cassiopeas cheias de espuma limpa
Com bootes de todas as cores
E cangrexos de caparaçom bem duro

Seremos como Leo ou Tauro
Abrindo caminho
Entre os toxos ou os arámios

Todos os horizontes som nossos
E nunca poderám borrar-los

30 de Março de 2017, prisom de León

O tempo pode ser também
Como o ratonzinho Pérez

E deixamos-lhe um anaco de queijo
Baixo a cama

Imagino-o saltarim, de olhos grandes e
Pequeno de corpo, gris, ou, melhor, azul,
Pouco falador
E guardiám das 4 estaçons.

1 de abril de 2017, prisom de León

“BAILAS e faisme livre” (Uxio Novoneyra)

Ves pasar
Os montes pola janela
E dos montes ao deserto
E do deserto à minha boca

Quero lamber-che a suor marinha de todas as estradas

Nom há dia que nom me deite com sede de ti
Mas essa sede fai-me caminhar

Quero ter as orelhas mui grandes
Para escoitar-che melhor
Quero ter telepatia de morcego
Por isso me penduro boca abaixo dos ferros das porterías

BAILAS e fas-me voar

E assi celebramos cada dia
O noso Planeta de tesouros infinitos.

21 de Abril de 2017, prisom de León

Nom podem controlar os sentimentos
Quando vences um medo
Ganhas por goleada

Podem traspasar os muros os silêncios
Os sorrisos e a energia

A luz dos nossos desejos

4 de Maio de 2017, prisom de León

Andam coma cans
Porque um rato se lhes escapa da jaula
O rato nom quer queijo
O rato tampouco quero ouro
Qualquer oquinho lhe serve
Quando quer
Converte-se em avestruz
E pom a cabeça baixo do formigom
Outras corre como umha lebre
Ou permanece à espreita
Como o leom

Nom importa que forma de animal nem que figura nem que
escola filosófica
Na arte da resistência
Do que se trata é
De voar
Cos pes na Terra.

6 de Maio de 2017, prisom de León

O nosso eclipse
É o mais grande
Acontecimento

Está escrito no Atlas Mundial das Nuvens
Que, ao tocarmo-nos
Elas bailam tangos
Muinheiras e
Lambadas
Para nós.

“Nós temos
A força
Do aire
Nós temos
A força
Do vento” (Ruxe-ruxe)

11 de Maio de 2017, prisom de León

O mês de maio é o mês de malhar

Malhárom em mim

E logo, entre risos, diziam: “menudo cuerno te salió”

Malhárom em mim

E rirom-se de mim, si

Minha mae, rirom-se de nós.

É por isso, que a conclusom que saco

É que seguiriam a malhar e malhar

Se nom soubessem que temos um povo detrás.

18 de Maio de 2017, prisom de León

A águia sobrevoa os papeis da mesa
Dos que ela
Mesma é
Paisagem

Abaixo, um soldado orfo
Que tapa a cara cumha máscara
Pola radioatividade
Igual que a besta que o acompanha

Há também um rapaz fugindo dum
Monte chamado o monte
Dos Tricórnios
Há um náufrago numha balsa
Percorrendo ondas do arco da velha
Baixo um céu açul de colorante
Alimentário

E, ao fondo
Umha fermosa mulher
Enviando telepatias desde a Praia do Castro
Ao seu home que está preso.

30 de Maio de 2017, prisom de León

Nom me eduquei com Wonderwoman
Mas si cumha Mulher Lavrega

Escoitei entre os murmúrios da gente
Que já nom era costume olhar ao céu no meu País
Que as crianças perseguem monstros imaginários, como
sempre
Mas que estes venhem desenhados já
E enviados via satélite.

Com só mirar esse campo verde
Eu já lembro como se fosse hoje
As branhas por onde choutavamos e choutaremos
E caíamos a rulos
Mesmo as branhas onde fazíamos o amor.

Que mundo nos vam vender, que mundo de plástico
Se o mundo temo-lo enfrente de nós
E se acertamos as distâncias
Se crevamos as auto-estradas e colhemos os
Caminhos difíceis cheios de toxos
E se disfrutamos da nossa suor
Quando esta se fundiu com a chuvia com a
Água dos regos, com o barro, com o esterco, com os refugalhos
de erva, os trévois, as margaridas, as teas de aranha entre as
vides...
E é que este mundo que nos vendérom
Vai ser que nom serve

E é que, continuo a pensar, aquí fechado
Que as soluçõs estám, sobretudo
Dentro de nós.

8 de Junho de 2017, Qualquer prisom

Poderia dizer sumidoiros
Prefiro dizer cloacas
Porque soa mais a cárcere
Porque soa mais a sujo
E nom me refiro pola sujiedade típica
Dos calabouços

Os cárceres están mais limpos
Porque tenhem presos escravizados
Num consome-limpa constante
Nom se trata disso

Digo cloacas
Por um sentir coletivo de despojo humano
Digo cloacas
Porque somos objectivo do turismo morboso-escatológico de
psicólogos, técnocratas, aprendizes de carcereiros, e algum
responsável dalgumha entidade bancária ou multinacional,
delegados da política mais suja, policias.
Digo cloacas
Porque estamos em nengures
Mas à vez estamos por baixo
Porque sem elas o sistema inunda-se
Digo cloacas também
Porque expande a peste em homes
E mulheres já apestadas
E ennobrece outras.

Mas se digo cloacas digo também
Tranxilium, benzoacepinas,
Chinos, chicha, líricas, metadona,
Ladrilhos, papelas, vómitos, sangue,
Reconto, reconto, cacheio
Economato
Cafés malboro moeda de cámbio
Carcereiro alcólico
Carcereiro listilho
Carcereiro neutro –poli bom, poli malo-

Carcereiro passota
Carceiro enganchado
Carcereiro moderno
Carcereiro enrolhado
Carcereiro especialmente violento
Digo chotas, gambas, colaboracionistas
“presos de confiança”
Buscarruinas, yonkis, violetas e kies
Digo cloaca prostíbulo de consciências
Todas contra todas
Soidade
Digo cloacas
Por nom dizer sumidoiros do Estado.

31 de Junho de 2017, prisom de León

Mensagem numha botelha

Saborear-te
entre espelhos
sínto-che no azul
ao deitar-me nos
beijos das ondas
e a maré baixa e
arrástra-me docemente
mas agarro-me
com força
à areia
nom me importa embadurnarme,
ao contrário,
som mais feliz
assi.

23 de Julho de 2017, prisom de León

Navego por um mar turbulento
Sobem ao barco piratas de todas as naçons

“Somos reos encadeados aos remos”.

Cadanseu com o seu hino particular
Os lamentos do cemento
o cemento dos lamentos...

que afunda!

para respirar os verdes
desertos
o vento dos océanos
e falar nas nossas
línguas doces

“Como um irmao che falo” (Celso Emilio Ferreiro)

25 de Julho de 2017, prisom de León

Dos teus dedos à minha pel
da minha pel ao espelho
do espelho ao papel

Dos meus dedos à túa pel
da tua pel ao espelho
do espelho ao papel

Assi palpitam os debuxopoemas
do nosso aquel

26 de Julho de 2017, prisom de León

Sinto que hoje nom podó dar-che nada
E nom porque nom estejas ti aqui
ou eu ali

sinto que hoje
como se a cascuda tomasse forma
e andivesse a revolver-me no pelo

agora que a cascuda é umha metáfora
e som eu o bicho taleguero

Há noites de chumbo e óxido nos miolos.

pior seria
umha madrugada
alcolizada
e fazendo
o paiaso

30 de julho de 2017 (Soltando merda)

entre o fascismo herdado
e o olvido

e o analfabetismo dos que nom escreven nem
cartas a velhos amigos, agora presos,
nem se cuidan a si mesmos.

entre o valeiro e o olvido
e as cadeias que nos asobalhan
que só se burlam se lhe botamos valor

também hai quem as vé
ou nom as quer ver
ou simplesmente nom lhe interessa umha jodida merda
/até que lhe tocan

entre cubatasraias verborreias emedemeás hipocrasias
canutos teleseries excusas
viagenslowcost misogínias estética agonias lamentos
envelhecimentos prematuros eternojuventudes vómitos/
c'est la vida
enfermidades supervivências honestidades limitaçoens censura/
tecno-logias

peessoas fora de série revolucionarias nos feitos suor
ou simplesmente do coração limpo

se bem
ninguém é perfeito, irmao.

Toca cuidarse
e estar fortes

1 de Agosto de 2017, prisom de León

Deixei a bicicleta pousada
no cham desse sonho

e logo corrim com todas as minhas forças
até a beira do mar

e perdim a nuvem pola que respirava
mergulhando-me cara as algas
que che ia agasalhar
em forma de carícia

3 de agosto de 2017, prisom de León

Realmente
eu já nom sei o que há tras dessa
janela

intuo-o
apenas
no teu olhar

4 de agosto de 2017, prisom de León

todo o que me poidas dizer a estas horas
e neste lugar nom serve

agora mesmo
som como o velho e o mar
à deriva

seica os coches ainda nom voam polo ar
nem sequera os da policia

30 de agosto de 2017, prisom de León

Nom nom é o Pico Sacro
tampouco é um espelhismo

sei que estamos longe
e perto
à vez.

2 de Novembro de 2017, prisom de León

Poderia botar abaixo
as torres todas de alta tensom
coa intensidade
coa que te estou a querer.

5 de Novembro de 2017, prisom de León

O punto vermelho do firmamento ou da TV, é o mesmo.

Todo isto
saca o pior e o melhor de nós

6 de Novembro de 2017, prisom de León

“Nom fazer nada”
Nem começo nem final

Cansar-te dele
ou nom

eu estarei ai
ou nom.

15 de Novembro de 2017

Deixei de debuxar coraçõs
e passei a debuxar âncoras de pedra

levo-as tatuadas nos braços
com tinta invisível como as mensagens
das que seguem a pelejar

1 de Dezembro de 2017, prisom de León

Nesta paisagem que estou a pintar
nom estás ti

e é triste

mas tampouco estou eu

só ficam torres em ruínas
o solpor
e um rio calmo
com quatro matos às beiras

Nom sabia que existia um lugar
entre botar-te
e nom botar-te

de menos

7 de Janeiro de 2018

Quando se rematou o
Amor que me tinhas

tivem que aprender a fazer sudokus

Mas ainda continuo vendo
filmes de astronautas

8 de Janeiro de 2018, prisom de León

Entom o anel prateado converteu-se noutra cousa

converteu-se numha esfera coa que picar
nas portas dos tigres
ou nos cristais da garita dos de gris

ou, chegada o momento,
parar algum golpe.

Também te lembra quem és
de onde ves

e que, aínda que mudem certas “movidas”
como spots intermitentes
ou feridas profundas;

a essência
do noso mundo
nom a podem rouvar.

30 de março de 2018, prisom de León

Isto é
como um aviom
eu digo-che que nom subas
que nom

Desta vez é um lugar no meio da nada
mas todo quanto temos
temo-lo por dentro

Desta vez a vida e
mais eu
imos mais em sério

ja nom som o mesmo de antes
nem isto é um after
nem é sábado á noite nem
a lúia brila para as duas

tampouco se remata unha noite
nem umha fin de semana
nem quero separar
o que fago do que quero

luitamos contra monstros
e dam igual as trevoadas
preciso-te como umha guerreira
sem medo a ficar em terra.

14 de Abril de 2018, prisom de León

Esta chuvia
é ainda mais triste
que o día em que
me deixaches
de amar

21 de Abril de 2018, prisom de León

Sei que
ao fundo dessa longa estrada
há chegar um ruxe-ruxe

sonho esperto com bandeiras, petardos, berros
agasalhos polo ar
aínda que semelhe umha coisa pequena
nom é, nom

tras dos olhos, dignidade
também tristeza e também talvez reproches

mas ao fundo
dessa longa estrada
sei de sorrisos agridoceos
silêncios de respeito
e migas confiança

21 de Maio de 2018, prisom de León

Quando te reconhecim
deixei de comer chocolate

nom comia chocolate só por gosto
se nom porque era do mais barato que havia
no economato do talego

e porque seica alegrava o coração

agora nom sei que comer
se comer umha nuve branca do céu
ou fazer-me caníval
dumha vez por todas
como aquele preso que conhecim...

Agora, em sério,
vaia história a nossa
as duas gostamos de fazer piruetas
e nom nos importa
que os acantilados estejam perto
ou longe

Reconheço-te
e tamén me reconheço a min mesmo
voltando a sonhar
entre casas abandonadas, cristais
de cores que trae o mar
peles e silêncios

15 de Maio de 2018, prisom de León

“(…) pero hagamos un trato
yo quisiera contar
con usted
es tan lindo
saber que usted existe (...)”

Mario Benedetti

Já nom conto as Primaveras
que conto o número de
palavras que colhem numha chamada
telefónica de cinco minutos

na que dizer-che, explicar-che
que
desejo
necessito

que contes conmigo.

25 de junho de 2018, prisom de León

CARCEREIRO/A

nom me venhas com rosas
que nom chas quero, nom.

13 de julho de 2018, prisom de León

O caminho das nuves
despraça-se incesante

todo envolto numha trovoadá
de pó

quando te procuro sei
que te atopas longe

remoinhos
de palavras absurdas

quando olho para arriba
de súpeto
és a nuvem
da terra aberta
a nuvem da ferralha
que se envolve pola chuva

27 de Julho de 2018, prisom de León

mentres avançam as nuvens
eu aterrizo
 entre as paredes

arqueo o meu
corpo com o céu
procurando-te

pero já baixas
como a luz
 do sol

cara o meu
 ventre

nom me importa
estar con cara de parvo
fazendo ioga no pátio
pensando em ti.

11 de agosto de 2018, prisom de León

Se debuxo essa charca
removem-se
os renacuaghos inexistentes

o pouco ar
que a acarinha
simula un pequeno oasis
de ondas magnéticas

que mais lhe podó pedir
que o reflexo do céu
no seu fundo

“a min, como se
se cae o cárcere a
cachos
se se cae
a cachos
melhor”

Outubro de 2018, prisom de León

I

Quando navego entre tebras
da brétema rota
por milheiros de luas e
de silêncios

“nom podo fazer mais
do que me pides
pero de que vas”

nom passa nada
a vida desenvolve-se
por segundos
de tic-tacs entristecidos

eu navego pola
desídia do
nengures

quando a
lúa e o sentido
de bordear
o rouco
latexo de quando
vivo e morro

nom conheço o silêncio
mais que as estrelas
descoloridas
do norte, o sul,
o leste e o oeste

apenas nada
apenas sentido
da ausência descolorida

nom há mais que

ruídos
e bágoas
 submergidas
noites de mares
e de lume
de tristeza
e de bágoas
na brétema.

II

Nom tenho mais que
versos para dar-che

Nom tenho mais
que todo aquilo
que se semelha a
tardes, a solpores
a humidade nos
olhos

III

cria corvos e quitarám-che
os olhos

se podem quitarám-che
até o estómago

na luta de poderes
o débil é o que
perde

o caminho, as lagoas,
as bágoas, todo
o que sobrevive a
um mesmo

escoitei risas
escoitei rugidos
escoiteme a mim
mesmo

por momentos
experimentos com gaseosa

quando a máquina
funciona a toda
óstia.

IV

Agora compreendo alguma coisa
de como funciona
esta merda

de que a tortura foi real
no seu momento

e que agora
nom só vam
a por mim

11 de Outubro 2018, prisom de León

Joguei
perigosamente
e depois paguei as conseqüências
perigosamente